

ATA DA CENTÉSIMA DÉCIMA TERCEIRA SESSÃO ORDINÁRIA DA
TERCEIRA SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA DÉCIMA SÉTIMA
LEGISLATURA, EM 20-11-2019.

Aos vinte dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezenove, reuniu-se, no Plenário Otávio Rocha do Palácio Aloísio Filho, a Câmara Municipal de Porto Alegre. Às quatorze horas e quinze minutos, foi realizada a segunda chamada, na qual registraram presença Adeli Sell, Airto Ferronato, Aldacir Oliboni, Cláudia Araújo, Cláudio Conceição, João Carlos Nedel, Mauro Pinheiro, Mônica Leal, Paulo Brum, Prof. Alex Fraga, Reginaldo Pujol, Ricardo Gomes e Roberto Robaina. Constatada a existência de quórum, a Presidente declarou abertos os trabalhos. Ainda, durante a sessão, registraram presença Alvoni Medina, Cassio Trogildo, Cláudio Janta, Felipe Camozzato, Hamilton Sossmeier, Idenir Cecchim, José Freitas, João Bosco Vaz, Lourdes Sprenger, Luciano Marcantônio, Marcelo Sgarbossa, Margarete Moraes, Mauro Zacher, Mendes Ribeiro, Márcio Bins Ely e Paulinho Motorista. À MESA, foram encaminhados: os Projetos de Resolução nºs 048 e 049/19 (Processos nºs 0508 e 0509/19, respectivamente), de autoria de Aldacir Oliboni; o Projeto de Lei do Legislativo nº 234/19 (Processo nº 0537/19), de autoria de João Carlos Nedel; o Projeto de Lei Complementar do Legislativo nº 014/19 (Processo nº 0247/19), de autoria de Mauro Zacher. Também, foi apregoado o Processo SEI nº 037.00163/2019-84, de autoria de Márcio Bins Ely, informando, nos termos do artigo 227, § 6º, do Regimento, sua participação em reunião com o vereador Marcus Cunha, no dia vinte e um de novembro do corrente, em Pelotas – RS. A seguir, a Presidente informou o retorno de Luciano Marcantônio ao exercício da vereança a partir do dia dezenove de novembro do corrente, tendo cessado, por consequência, o exercício da vereança por Comissário Rafão Oliveira. Também, foi apregoado Requerimento de autoria de Dr. Goulart, solicitando Licença para Tratamento de Saúde nos dias vinte e vinte e um de novembro do corrente. Foi apregoada Declaração de Marcelo Sgarbossa, Líder da Bancada do PT, informando o impedimento de Leonel Radde, Ariane Chagas Leitão, Laura Sito e José Dorley dos Santos em assumirem a vereança do dia vinte ao dia vinte e dois de novembro do corrente. Em continuidade, a Presidente declarou Margarete Moraes empossada na vereança do dia vinte ao dia vinte e dois novembro do corrente, em substituição a Engº Comassetto, em Licença para Tratar de Interesses Particulares, informando-a que integraria a Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude. Também, por solicitação de Mônica Leal, foi realizado um minuto de silêncio em homenagem póstuma a Erico Souza Jardim. Em COMUNICAÇÃO DE LÍDER, pronunciaram-se Margarete Moraes, Idenir Cecchim, Cláudia Araújo, Cláudio Conceição, Airto Ferronato, Roberto Robaina, Mauro Pinheiro, Prof. Alex Fraga e Márcio Bins Ely. Na oportunidade, foi apregoado o Processo SEI nº 025.00027/2019-04, de autoria de Comandante Nádia, informando, nos termos do artigo 227, § 6º, do Regimento, sua participação em reuniões com o senador Lasier Martins e com o deputado federal Ubiratan Antunes Sanderson, nos dias vinte e vinte e um de novembro do corrente, em Brasília – DF. Durante a sessão, Adeli Sell manifestou-se acerca de

assuntos diversos. Às quinze horas e dezoito minutos, constatada a inexistência de quórum na chamada para ingresso na Ordem do Dia, a Presidente declarou encerrados os trabalhos, convocando os vereadores para a próxima sessão ordinária. Os trabalhos foram presididos por Mônica Leal e secretariados por João Carlos Nedel. Do que foi lavrada a presente Ata, que, após distribuída e aprovada, será assinada pelo 1º Secretário e pela Presidente.

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Registro que, no dia 19 de novembro de 2019, o Ver. Luciano Marcantônio informou ter retornado ao exercício do seu mandato, interrompendo a sua Licença para Tratar de Interesses Particulares, a qual foi originalmente para os dias 18 a 20 de novembro de 2019. Em consequência, cessou, naquela data, o exercício da vereança, em substituição, pelo suplente Comissário Rafão Oliveira.

O Ver. Dr. Goulart solicita Licença para Tratamento de Saúde no período de 20 a 21 de novembro de 2019.

Em razão da Licença para Tratamento de Saúde do Ver. Engº Comassetto no período de 20 a 22, declaro empossada a Ver.^a Margarete Moraes, em razão da impossibilidade de os suplentes Leonel Radde, Ariane Chagas Leitão, Laura Sito e José Dorley dos Santos assumirem a vereança, no período de 20 a 22 de novembro de 2019, nos termos regimentais, que integrará a Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE.

Ver.^a Margarete Moraes, seja muito bem-vinda, ex-presidente desta Casa. Estou muito contente com a sua volta à Câmara.

VEREADOR ADELI SELL (PT): Gostaria de fazer um questionamento. Eu tinha que as licenças de tratamento de interesse eram sempre pedidas por três dias. Eu queria saber se essa resolução se mantém, e se pode ser interrompida antes do final dos três dias, porque me surpreendeu esse pedido que foi feito de substituição do colega Ver. Luciano Marcantônio pelo Ver. Comissário Rafão Oliveira.

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Conforme orientação da Diretoria Legislativa, a licença é de três dias para chamar o suplente, mas nada impede que o titular retorne antes.

Solicito e defiro um minuto de silêncio pelo falecimento de Sr. Erico Souza Jardim, vice-prefeito de Xangri-Lá.

(Faz-se um minuto de silêncio.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Consulto se algum vereador deseja falar em Comunicação de Líder. (Pausa.)

A Ver.^a Margarete Moraes está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADORA MARGARETE MORAES (PT): Sra. Presidente, Ver.^a Mônica Leal, de quem tive o prazer de ser colega quando fui vereadora desta Casa; todos os meu colegas e amigos vereadores desta Casa, quero cumprimentar a todos, agradecer, citando as presenças do João Motta, Gilmar da Rosa, Berenice, meus amigos e companheiros de sonhos e de partido.

Com a Ver.^a Mônica Leal, nós sempre tivemos um relacionamento muito amistoso e respeitoso, considerando que nós duas somos mulheres com posições diferentes em relação à vida, em relação à política, temos concepções extremamente diferenciadas, mas nunca faltou respeito nesta Casa, porque esta é a casa da diversidade, onde todos os partidos, todas as concepções têm a oportunidade de se expressarem. Acho que esta Casa preserva a democracia, em um momento tão difícil como o que estamos vivendo hoje no Brasil.

Também quero manifestar uma gratidão ao meu companheiro de partido, Ver. Eng^o Comassetto, que precisou tirar uma licença para tratar de interesses pessoais e me convidou para assumir em seu lugar. E eu não quero, Ver. Reginaldo Pujol, desperdiçar essa oportunidade de ficar três dias nesta Casa, pretendo apresentar projetos que eu julgo relevantes para a cidade de Porto Alegre.

Também desejo solicitar informações do prefeito Marchezan em relação a um projeto, Ver. João Bosco, que eu apresentei há três anos, e que solicitava, para as mulheres cadeirantes, um tratamento especial quando elas fizessem exames de saúde e eu não sei o que foi feito desse projeto, que evita constrangimentos que elas passam hoje nas questões femininas e feministas.

Eu acho que a gente tem que reconhecer aquelas pessoas que, ao longo da sua vida, se preocuparam com a causa pública, com a causa da democracia, dos direitos humanos, da preservação da nossa Constituição de 1988, e eu estou protocolando hoje um projeto que concede prêmio de cidadão de Porto Alegre ao magistrado, ao desembargador Rogério Favreto, que nasceu em Tapejara, no Rio Grande do Sul em 1966, formou-se pela Universidade de Passo Fundo e é mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rogério Favreto exerceu a advocacia privada e foi procurador do município de Porto Alegre, foi meu colega de administração popular sempre utilizando uma dinâmica de agilizar os processos, de não os trancar na burocracia, sempre considerando a lei que vige em nosso trabalho.

Ele atuou no governo federal, exerceu inúmeros cargos, como o da chefia jurídica da Casa Civil da Presidência da República em 2005, foi chefe da Consultoria Jurídica do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, em 2006; chefe da Assessoria Especial da Secretaria das Relações Institucionais da Presidência da República e secretário nacional da reforma do Judiciário do Ministério da Justiça entre 2007 e 2010. Em 2011, tornou-se desembargador federal pelo Tribunal Regional Federal da 4^a Região aqui na nossa cidade.

O Rogério Favreto tem um currículo muito rico, muito interessante no serviço público que ele prestou, e ainda presta, à cidade de Porto Alegre. Ele nasceu em Passo Fundo, mas escolheu Porto Alegre para viver, é aqui que ele reside, tem filhos, tem família, é um profissional que tem um compromisso inarredável com a questão da

ética, dos direitos, da Constituição de 88 - que ainda é vigente, hoje ela já está superada, mas foi muito importante e hoje a nossa luta é para que seja respeitada -, tem inúmeros títulos mas carece ainda do título de Cidadão de Porto Alegre. Então, eu quero, neste momento, aproveitar que eu estou aqui e prestar essa homenagem a Rogério Favreto.

Também queria fazer uma referência muito rápida pois hoje é o Dia Nacional da Consciência Negra. É feriado no Rio de Janeiro, é feriado em várias cidades do Brasil; aqui em Porto Alegre não é possível que seja feriado, já tentamos, mas foi cassado pela justiça. É uma data muito importante porque a abolição da escravatura só aconteceu na assinatura; os negros foram jogados ao léu e até hoje eles sofrem com racismo, com discriminação, que ainda imperam no nosso País. Então, é a data mais importante da nossa história, que deve ser comemorada, mas nesta data as pessoas devem se conscientizar de que o racismo, o machismo e todas essas formas discriminatórias são o pior mal que existe...

(Som cortado automaticamente por limitação de tempo.)

(Presidente concede tempo para o término do pronunciamento.)

VEREADORA MARGARETE MORAES (PT): ...Agradeço à Presidenta Mônica Leal por esta oportunidade. Eu tenho mais projetos que eu gostaria de protocolar, mas não faltará oportunidade, e amanhã eu quero concluir com os demais. Muito obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Idenir Cecchim está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR IDENIR CECCHIM (MDB): Sra. Presidente, senhoras vereadoras e senhores vereadores; bem-vinda, Ver.^a Margarete Moraes, minha querida amiga. Eu queria, daqui da tribuna, saudar um vereador de muitos anos aqui, mais de treze, catorze anos, o Ver. Clóvis Brum, que está ali em cima. V. Exa. não é mais vereador, mas aqui o senhor consta como vereador sempre. O Ver. Clóvis Brum é lá de Uruguaiana, e o pessoal do Alegrete que tem por aqui diz que o pessoal de Uruguaiana só se exhibe que é de Uruguaiana, mas passa sempre pelo Alegrete. Clóvis Brum, o senhor é da velha guarda, junto como o Reginaldo Pujol, que o está abraçando, e o Pujol ainda resiste, ele com o Nedel, e nós somos aprendizes dos que passaram por aqui sempre. Ver.^a Mônica Leal, hoje pela manhã estive num café da manhã junto ao Sindha, presidido pelo Henry Chmelnitski, onde eles mostram e propõem muitas atitudes, porque sindicato principalmente se faz com atitude, o sindicato patronal que quer o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre. Eles querem o centro de eventos, por exemplo, se propõem a ajudar, eles querem que as pessoas que vêm a Porto Alegre permaneçam mais um dia pelo menos em Porto Alegre, e nós todos podemos fazê-lo,

quem é de restaurantes, quem é de hotéis, Ver. Mauro Pinheiro, que também estava lá, quando perguntam “Para onde vou no final de semana”, em vez de dizer: Vai a Bento Gonçalves, vai nas vindimas, vai a Gramado, diga: “Não, fique em Porto Alegre e visite a nova orla do Guaíba”, e agora já pode ver as obras da segunda etapa que estão sendo realizadas, e logo, logo a etapa três. Tenho certeza de que quando a Prefeitura entregar essas etapas da orla, Porto Alegre muda muito, as pessoas terão prazer de ficar em Porto Alegre no final de semana, os nossos visitantes não só de fora do Rio Grande do Sul, as pessoas do interior do Rio Grande do Sul poderão ficar em Porto Alegre mais um dia, mais dois dias, que terão o que ver na nossa cidade. Por isso eu queria daqui, Ver. Nedel, saudar os sindicatos e os nossos bodegueiros, nós chamamos de bodegueiros os donos de restaurantes, de lancherias e os donos de hotéis, que tentam fazer com que Porto Alegre tenha mais atrativos turísticos. Nós sabemos que essa é uma indústria limpa, que Porto Alegre perdeu e perde, a cada dia, as indústrias para os municípios da Região Metropolitana. Essa é uma tendência no mundo todo, e nós precisamos substituir isso com mais turismo, com mais tecnologias, as *startups* estão por aqui, estão no mundo todo, e nós temos que substituir a renda e o emprego dessas empresas que saem da cidade e vão para a Região Metropolitana com esse tipo de indústria. Aqui nós temos o exemplo do Tecnopuc, que tem o crachá mais alto da cidade – o crachá é o salário, o valor do salário. Lá no Tecnopuc, esse exemplo que nós temos no Rio Grande do Sul, é um dos melhores campi do Brasil, os funcionários e principalmente os empreendedores que estão lá estão fazendo o desenvolvimento e a substituição das indústrias de chaminé que nós perdemos aqui. Por isso uma saudação ao Sindha, uma saudação aos empreendedores que geram tantos empregos.

Ver. Mendes Ribeiro, falei também da sua luta para que não...

(Som cortado automaticamente por limitação de tempo.)

(Presidente concede tempo para o término do pronunciamento.)

VEREADOR IDENIR CECCHIM (MDB): ...Ver. Mendes Ribeiro, elogiaram as suas atitudes aqui na Comissão de Constituição e Justiça em relação à proibição disto, proibição daquilo. Os sindicatos e esses empreendedores aplaudiram as suas atitudes. Faço essa justiça, V. Exa. não estava lá, mas eles não esqueceram e não esquecem de quem trabalha em prol das pessoas que geram emprego. Um grande abraço, era isso, e quero dizer que nós estamos aqui para fazer uma boa quarta-feira de votações.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): A Ver.^a Cláudia Araújo está com a palavra para uma Comunicação do Líder.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Sra. Presidente, Ver. Mônica Leal, colegas vereadores e vereadoras, público das galerias, hoje é 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. A data é uma homenagem ao Zumbi dos Palmares, um dos maiores líderes negros do Brasil, que lutou contra o sistema escravista. Quero aproveitar para fazer a minha homenagem ao falecido Ver. Tarciso Flecha Negra, que foi extremamente importante em minha trajetória política e teve muitas pautas relevantes ao assunto nesta Casa. Sendo uma das lutas desse amigo e colega de partido, lamento profundamente que Porto Alegre, até hoje, não tenha um museu que conte a história do povo negro. Essa foi uma das bandeiras do mandato do Ver. Tarciso e eu me comprometo a seguir seu trabalho com relação ao tema. O museu da história e da cultura do povo negro foi aprovado há nove anos e até hoje não saiu do papel – o que é uma vergonha! Na discussão por um espaço digno à história deste povo, é importante que nós tenhamos a consciência de que o Brasil foi um dos últimos países do mundo a ter abolido a escravidão. Esse fato gera consequências até hoje, como as perseguições às religiões de matriz africana, que são uma prova viva disso. Precisamos unir forças para que a história de luta do povo negro não seja esquecida e, sim, fortificada, por isso estarei sempre engajada nesta luta antirracista.

Para concluir cito Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”. Muito obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Cláudio Conceição está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR CLÁUDIO CONCEIÇÃO (DEM): Boa tarde Presidente Mônica, boa tarde Srs. Vereadores e todos aqueles que nos assistem na plateia e também aqueles que nos assistem pela TVCâmara. Eu não podia me furtar de me manifestar neste dia em que estamos celebrando o Dia da Consciência Negra. Ora, eu venho de uma família negra, sou negro, filho de uma mãe negra; nós viemos de uma classe extremamente fragilizada, uma história de desencontros, superando obstáculos. Meus filhos também são negros, e a gente não pode fechar os olhos, tampouco os ouvidos ao clamor que hoje se ouve daqueles que mais necessitam de representação.

Eu fiquei pensando: nesta Casa, há 36 vereadores, mas apenas dois vereadores negros. Esta semana, eu fui entrevistado por uma jornalista que perguntava se os negros eram representados. Nós precisamos ter muito mais voz, ter muito mais vez, pois não temos condições de nos manifestar. São raros – podemos contar nos dedos – aqueles negros que conseguiram sair dessa zona de insignificância e alçar lugares de destaque onde possam, com seu talento, com sua voz, com seu desprendimento, manifestar o valor da raça negra.

É importante ressaltar, sim, as cotas que hoje são utilizadas – e muito bem utilizadas! –, porque o fato de nós termos cotas que dão direito a negros de ocuparem lugares para terem a sua realidade transformada, isso não é um favor, isso, na verdade, é uma oportunidade para que esses negros, que vêm de classes totalmente desprivilegiadas, possam buscar e aproveitar um lugar de oportunidade para que possam mudar a sua realidade.

Na minha vivência como policial, vejo que, quando vamos às vilas cumprir um mandato judicial, a maioria daqueles que nós acabamos prendendo por estarem envolvidos no tráfico ou na questão de criminalidade são negros – isso não justifica, mas nós não podemos fechar os olhos. Hoje, dentro dos presídios, 70% daqueles que lá estão presos são negros. Por quê? Por causa da condição de vida? Por causa da falta de oportunidade? Talvez. Mas porque nem todos aqueles que estão presos, de fato, estão lá porque fizeram, mas porque não têm direito à justiça, porque a justiça, neste País, custa caro. Eu quero fazer um contrapeso – não é vitimismo, tampouco culpa. Nós precisamos, sim, hoje, neste Dia da Consciência Negra, clamar por uma consciência humana. Mas o fato de clamar por essa consciência humana não humaniza a sociedade. Nós precisamos pautar este dia e a partir dele, celebrar e transformar, mas transformar com oportunidades iguais.

Então, neste dia, como vereador desta Casa, da capital dos gaúchos, na condição de negro, que ocupa hoje o Parlamento gaúcho e porto-alegrense, eu queria manifestar o meu apoio à nossa raça e dizer que nós podemos sim, devemos sim aproveitar as oportunidades como essa que eu tenho hoje, e fortalecer o movimento negro, para que mais negros possam ter oportunidades na sociedade, para que mais negros possam ter oportunidades na universidade, e sobretudo, através do talento e da oportunidade, alcem voos mais altos. Vida longa à raça negra! Vida longa aos homens de valor dessa sociedade que fazem a diferença, não por causa da sua cor, mas por causa do talento e da capacidade de desempenho da sua missão. Uma boa-tarde, que Deus os abençoe.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Airto Ferronato está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR AIRTO FERRONATO (PSB): Minha cara Presidente Mônica; senhoras e senhores vereadores; senhoras e senhores; nossos telespectadores. Hoje, 20 de novembro, eu venho à tribuna para falar sobre a trágica votação que tivemos no dia 18, segunda-feira. A pretexto de estarem extorquindo cidadãos de bem, a Câmara terminou, proibiu a atividade de cidadãos de bem. Eu ouvi e acompanhei a manifestação do nosso amigo e secretário, Rafão Oliveira. Ele largava fogo pelas orelhas, fumaça pelo nariz, enraivecido e cheio de ódio, com todo o respeito, dizendo um absurdo sem pé nem cabeça, que a Polícia Civil, a Brigada Militar, o Instituto de Perícia, a Polícia Rodoviária Federal, a Polícia Federal e a Secretária Municipal de

Segurança sabem, por isso escreveram o projeto, que, na verdade, existem extorquidores que extorquem o servidor, o cidadão de Porto Alegre, e essa foi a razão de escrever o projeto. Agora, a minha pergunta, principalmente a quem conhece segurança pública, eu não acredito, como disse o Ver. Rafão, secretário, que pessoas, traficantes, estariam lá no Centro comprando vagas e exigindo, será que, secretário, chefe de segurança, traficantes, Ver. Mônica, estariam endinheirados, fortemente armados, estariam lá, no Centro, cobrando cinco, dez, cem reais? Não. Não foram traficantes. Quem está ali extorquindo são normalmente pessoas jovens, pobres, a mando dos traficantes sob pena de matá-los. São esses guris que estão aí atacando, sob o risco de vir a morrer. A Polícia e a Brigada e a Secretária de Segurança do Município de Porto Alegre em vez de atacar traficantes terminaram com o emprego desses cidadãos, e nós embarcamos nessa furada, com todo o respeito. Na verdade, nós não temos competência nenhuma para proibir trabalhador de trabalhar e ganhar o seu sustento e alimentar seus filhos. Não temos nenhuma competência. Não existe lei natural, vereadora, e nem divina que permita isso. E, para falar em divindade, vou dizer o seguinte: é muita reza, muita Ave Maria, muita aleluia, muito Alá e pouco coração; é muita igreja e pouco pão; é muita igreja e pouco banheiro. E sei que o cidadão de bem que está nos ouvindo está meditando e nos dando a razão. Obrigado e um abraço a todos. Eu me esqueci de uma questão. Muita Ave Maria, muita aleluia e pouco coração e compaixão; muita igreja e pouco pão neste século XXI e, para concluir, a patética comemoração dos vitoriosos naquela segunda-feira foi trágica também. Obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Roberto Robaina está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR ROBERTO ROBAINA (PSOL): Boa tarde, Presidente Mônica, vereadores e vereadoras, público que nos assiste; hoje é o Dia da Consciência Negra. Nós tivemos um vereador, não sei se o Ver. Cláudio Conceição se encontra aqui entre nós, mas o Ver. Cláudio Conceição falou sobre esse tema, é um vereador negro, e nós temos uma outra vereadora negra, a Ver.^a Karen, do PSOL, são os dois únicos vereadores de uma Câmara Municipal de 36. Se nós formos olhar o quadro da representação política, nós vamos ver que a representação política do País é uma representação política, em geral, masculina, branca e muitos dos representantes, ricos. Ou seja, a representação política nacional, estadual e municipal é o oposto da composição social do povo brasileiro. Isso mostra que nós temos uma representação totalmente distorcida em relação ao que é o nosso povo. A sub-representação de negros e negras é talvez a expressão mais evidente disso. Em contrapartida, infelizmente nós sabemos que são os jovens os que têm a maior presença nos presídios, são os negros e são os pobres. Essa injustiça que nós temos é produto de um país que talvez seja o país do mundo com a maior desigualdade social, produto de um país onde a escravidão terminou faz pouco, e onde nós temos uma classe dominante branca, rica, que mantém

na essência, através de um sistema de superexploração, as características de um país escravocrata. Portanto, a luta pela emancipação do povo negro é uma luta para que se liquidem as estruturas de exploração na qual a sociedade brasileira se assenta.

Este dia 20 é uma homenagem à luta do Zumbi dos Palmares, e nós sabemos que muito falta ainda para que nós, de fato, tenhamos uma sociedade igualitária. Nós somos do PSOL. Nós, do PSOL, tivemos, em 2018, a nossa vereadora do Rio de Janeiro, a companheira Marielle, assassinada. Até hoje, a polícia federal, a polícia civil do Rio de Janeiro, não esclareceram as razões desse crime, os mandantes desse crime, embora as razões profundas sejam conhecidas. A Marielle foi assassinada porque era uma jovem mulher negra que buscava dar representação para as favelas do Rio de Janeiro. Nós estamos vendo, no Rio de Janeiro, a quantidade de pessoas que estão sendo mortas, crianças sendo assassinadas, com uma política e um Judiciário que aceitam esses assassinatos, que tratam de dar normalidade para uma situação bárbara, em que as pessoas são assassinadas pelo aparelho do estado, e ninguém responde efetivamente por esses assassinatos, como parte desta tragédia em que o Brasil se encontra. Nós tivemos, no mundo, exemplos importantes de luta do movimento negro, que são lutas que também devem espelhar o povo brasileiro. As lutas que foram travadas nos Estados Unidos, assim como nós tivemos o exemplo do Zumbi dos Palmares, foram as que promoveram a possibilidade de os Estados Unidos, por exemplo, terem um presidente negro, como foi o caso do Obama. Isso não teria ocorrido nos Estados Unidos, se nos anos 60 nós não tivéssemos tido lideranças como Malcolm X, que organizou o movimento negro e, inclusive, não hesitou em organizar, de modo físico, respondendo à violência do Estado, e à violência racista dos brancos, com a violência do movimento negro organizado contra o racismo e contra o Estado opressor. Também tivemos o exemplo do Martin Luther King, uma outra liderança negra - as duas grandes lideranças negras nos Estados Unidos. Nós sabemos que nos Estados Unidos se expressou, também, a construção dos Panteras Negras, que foi um partido radical de esquerda do movimento negro. E foram esses movimentos dos anos 60 que permitiram que nós tivéssemos progressos nos Estados Unidos, embora também lá falte muito para que, de fato, haja uma sociedade igualitária. Nós sabemos que tanto Martin Luther King quanto o Malcolm X foram assassinados, e foi essa derrota que impediu que tivéssemos, nos Estados Unidos e, por essa via, no mundo, um avanço substancial da igualdade. No Brasil, infelizmente, estamos muito mais atrasados. Então, se algo há para comemorar, é, única e exclusivamente, a maior...

(Som cortado automaticamente por limitação de tempo.)

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Mauro Pinheiro está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR MAURO PINHEIRO (REDE): Presidente Mônica; demais vereadoras e vereadores; público que nos assiste pela TVCâmara. Quero aproveitar este espaço de hoje para falar um pouco do que está acontecendo na cidade. Ontem, tive a oportunidade, junto com o Prefeito Municipal, o Governador do Estado e do Ministro, de participar da inauguração da primeira fase do nosso Aeroporto Salgado Filho. A inauguração de um espaço importante, onde há uma concessão pública. O Aeroporto de Porto Alegre passa por grandes transformações, já foi investido, em um ano e meio, na cidade de Porto Alegre, em torno de R\$ 1 bilhão, Ver. Ferronato, através dessa concessão do Aeroporto, que traz muita qualidade para o nosso Aeroporto. As obras do Aeroporto Salgado Filho continuam, em conjunto com a cidade de Porto Alegre, e nós temos a expectativa de, até o final deste ano, todas as pessoas que residem na Vila Nazaré recebam suas casas, casas muito melhores que as do local onde vivem, e que, dessa forma, tenham mais dignidade. Além dessa parceria com a Fraport, nessa contrapartida com o Município de Porto Alegre, onde 1.300 famílias receberão a sua moradia, Ver.^a Margarete, tanto no condomínio Senhor do Bom Fim, próximo à Av. Assis Brasil, quanto no residencial Irmãos Maristas, no bairro Rubem Berta, nos dará a possibilidade para ampliação da pista do Aeroporto Salgado Filho. O que significa a ampliação da pista do Aeroporto Salgado Filho? Significa que a cidade de Porto Alegre terá condições de receber aviões de porte maior, com mais carga, com mais combustível para voar uma distância maior, e Porto Alegre não dependerá somente de transporte rodoviário para tirar as cargas e receber cargas. Nos dias de hoje, algumas cargas não conseguem chegar através do nosso aeroporto na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, elas têm que descer em outros aeroportos e ser transportadas de forma terrestre, com isso, encarecendo o produto final que chegará para a nossa sociedade. É uma obra importante no Município de Porto Alegre, através de uma concessão pública, e isso demonstra a importância das concessões públicas, porque elas são uma forma de o Estado, a cidade de Porto Alegre, o Estado do Rio Grande do Sul e o próprio Brasil fazerem grandes obras, mesmo sem ter o recurso público com o recurso privado. Nesse caso, o recurso da Fraport, que é uma empresa alemã, que tem feito um investimento bastante alto na cidade de Porto Alegre, com certeza vai gerar muita riqueza no nosso Município, como já está gerando com esse investimento de quase R\$ 1 bilhão, Ver. Mendes Ribeiro.

Então, ontem, tive a oportunidade de participar da inauguração dessa primeira parte de reforma do Aeroporto Salgado Filho. Esperamos que a segunda parte da pista seja inaugurada o mais breve possível, o que vai ajudar e muito a economia do nosso Estado. Portanto, temos que saudar os investimentos nas concessões públicas, assim como Porto Alegre está buscando as concessões dos parques, das praças – estamos iniciando um estudo das concessões públicas também através do saneamento básico e da água na Cidade de Porto Alegre, para que a gente possa buscar investimentos pesados e levar mais qualidade de vida à população da cidade de Porto Alegre. Então, era isso; um grande abraço à Fraport por esse grande investimento na cidade de Porto Alegre. Cumprimento todos os secretários que estiveram envolvidos

nesta grande obra que acontece em Porto Alegre, tanto para o Município, quanto para o Estado do Rio Grande do Sul. Parabéns a todos. Obrigado!

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Prof. Alex Fraga está com a palavra para uma Comunicação de Líder, pela oposição.

VEREADOR PROF. ALEX FRAGA (PSOL): Boa tarde, senhoras e senhores, usarei agora o tempo de liderança de oposição – agradeço ao Ver. Roberto Robaina que é atualmente o líder da oposição, bem como aos colegas do PT pelo espaço. Neste Dia da Consciência Negra, eu gostaria de fazer a leitura de um texto produzido pelo jornalista Eduardo Nunes, que trabalha comigo no gabinete, que reflete bem um pouquinho alguns aspectos, entre aspas, culturais da nossa sociedade. Diz o colega jornalista, (Lê.): “Estou acostumado a ver o debate do racismo perpassar meu newsfeed como uma competição de dedos apontados para racistas que sempre são o Outro. Tanto que, a julgar pela amostra representada por meus contatos do Facebook e do Twitter, a impressão que fica é a de que não há, no Brasil, um único racista. Todos ou consideram o racismo abominável ou se gabam de ter amigos negros. Vivemos num país racista que não tem cidadãos racistas, veja só. Eu olhei para o espelho das minhas memórias e não gostei nada do que vi. Vi o meu próprio reflexo e enxerguei um racista. O racismo não é exclusividade dos outros; é parte constituinte de mim, e ainda preciso me policiar a cada instante para não pensar, falar e agir como um racista. Cresci jogando bola no campinho do Mário Galego, na Coxilha Verde, loteamento no distrito de Conceição, interior de São Sebastião do Caí - RS. No gramado irregular e cheio de rosetas e eivas de chão batido, que ficava a poucos metros da casa dos meus avós maternos, eu jogava com alguns primos e, sobretudo, com filhos dos vizinhos do vô e da vô. Nem sempre tinha gente suficiente para fechar dois times (considerávamos um desperdício de tempo e de energia iniciar uma partida antes que houvesse, no mínimo, uns três jogadores para cada lado), por isso os primeiros que chegavam ao campinho ficavam jogando um três-dentro-três-fora até que os outros aparecessem. Via de regra, nossos amigos negros Julinho e Alexandre, que faziam parte do clã familiar conhecido em toda a Conceição como ‘Os Nego do Niquinho’, e, às vezes, o Juliano, filho adotivo da Dona Iolanda, jogavam conosco. Quando eles chegavam, caminhando pela trilha entre maricás que levava da rua ao campo, era comum que fossem recebidos por nós com frases como ‘Preteou!’ ou ‘Ih, vai chover...’ (se algum desavisado perguntasse por que fazíamos a previsão meteorológica, respondíamos: ‘Porque o tempo tá escurecendo praquele lado’). Alexandre e Julinho, sobretudo, eram da nossa turma. Estudavam na nossa escola, faziam catequese conosco na igreja, crescemos brincando e confraternizando com eles. Mas isso não nos impedia de gritar ‘Caga, nego!’ quando um deles estava no gol e era vazado por um de nossos chutes certos. Ou de dizer: ‘Fez a negrice!’ quando um deles cometia um erro. Ou de gritar: ‘Olha lá! Uma camiseta correndo sozinha!’ quando o jogo continuava noite adentro e o Julinho,

vestindo camiseta clara, corria com a bola no pé. Ou de repetir dezenas de vezes, na presença deles, piadas do tipo ‘Sabe por que Deus fez o mundo redondo? Pros negros não cagarem nos cantos’. Não lembro de ter ouvido o Julinho e o Alexandre gritarem ‘Caga, branco!’ ou ‘Fez a branquice!’. Nossos amigos negros costumavam ouvir nossa torrente de racismo em silêncio, às vezes dando um sorriso amarelo. Acho que é disso que os racistas de hoje estão falando quando, cobrados publicamente por seu preconceito, dizem que ‘hoje o mundo anda muito chato’ e ‘não se pode mais brincar’. Estão dizendo que antes ninguém se importava com esses gracejos, não se reclamava. Quando ouço (ou leio) um racista pego em flagrante dizer que ‘até tem amigos negros’, lembro do semblante do Julinho e do Alexandre quando lhes dizíamos que eles não tinham cagado na entrada, mas certamente cagariam na saída. Eu ‘até tinha amigos negros’, mas era um amigo muito cretino. Ou, talvez, não fosse amigo deles em absoluto. Eu era um racista de merda, isso sim. Era uma criança e, depois, um adolescente que reproduzia o racismo que absorvia dos mais velhos. Repetia essas piadas racistas em busca de aceitação e para afirmar uma segregação que todo mundo fingia não existir, mas existia. Nossos amigos negros eram tratados pela maioria de nós com condescendência e cinismo. Éramos todos quase igualmente pobres, mas é claro que havia, na Conceição, uma linha divisória invisível, desenhando em preto e branco a hierarquia das gentes. Não lembro de ter ouvido o Julinho ou o Alexandre se pronunciarem sobre isso, mas nunca esqueci do que disse uma pré-adolescente negra (cujo nome me escapou da memória) que uma amiga da minha mãe pretendia adotar e acabou não adotando: ‘Eu queria que todo mundo fosse branco’. Era assim que uma negra da minha terra se sentia quanto a sua condição. Quanto desse sentimento se devia ao comportamento dos seus ‘amigos’ brancos? Era esse o resultado das nossas piadas e frases ditas ‘na brincadeira’, ‘sem maldade’. Saí da Conceição aos 14 anos, deixei de conviver com a turminha que jogava bola no campo do Mário Galego, morei em muitos lugares e, hoje, olho para trás e me envergonho de mim mesmo e de todos os atos de racismo que cometi. Não sei por onde andam e o que têm feito os meus amigos negros de infância. Soube que Seu Niquinho, o patriarca, morreu, octogenário. Não sei como seus filhos, netos e bisnetos reagem, hoje, às palavras racistas que certamente continuam ouvindo. Espero que ouçam cada vez menos piadas racistas como as que repeti tantas vezes. Espero que lá, na Coxilha Verde, o mundo também esteja ficando cada vez mais chato, como aqui, e que piadas racistas sejam cada vez menos aceitas – que gerem indignação em vez de riso amarelo. Espero que os meus parceiros de gracejos tenham amadurecido e percebido o horror dos seus próprios atos. Espero que os negros que moram lá tenham, hoje, amigos brancos que sejam amigos de verdade”. Esse é o racismo que perpassa a nossa sociedade, é racismo cultural e velado. Espero que isso acabe. Muito obrigado, Presidente.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Apregoo o processo SEI nº 025.00027/2019-04, de autoria da Ver.^a Comandante Nádia, nos termos do art. 227, §§

6º e 7º, do Regimento – justificativa de falta –, que comunica a sua participação na reunião com o senador Lasier Martins e com o deputado federal Ubiratan Antunes Sanderson, sobre o tema da segurança pública, em Brasília, Distrito Federal, nos dias 20 e 21 de novembro de 2019.

O Ver. Márcio Bins Ely está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR MÁRCIO BINS ELY (PDT): Muito boa tarde a todos as vereadoras e vereadores, público que nos assistem nas galerias, na TVCâmara, senhoras e senhores. Saudação especial à Presidente Mônica Leal, ao Presidente Nelson. Permitam-me fazer uma saudação ao meu irmão de loja Mariozinho. Não poderia me furtar de também fazer um registro no dia da Consciência Negra que o nosso partido teve o primeiro senador negro, Abdias Nascimento – inclusive o Ver. Delegado Cleiton colocou o nome do viaduto da Pinheiro Borba em homenagem ao senador –, nós tivemos Alceu Collares como governador do Estado e também de origem negra.

Quero também prestar todo o nosso reconhecimento àqueles que sofreram. Quero dizer que, ainda nesta semana, estive, Ver. Paulo Brum, no 1º Registro de Imóveis, o Lamana Paiva, e ele tem um histórico com uma demonstração de que as pessoas eram deixadas em hipoteca, imagine, vereador, que barbaridade. Hoje vivemos novos tempos.

Quero cumprimentar o diretor da Escola do Legislativo, Lúcio Antônio Almeida Machado, que escreveu um belo artigo na Zero Hora hoje. Cumprimento o diretor que esteve ali ombreando conosco nos dois primeiros anos deste mandato, nos ajudando também sobremaneira com os trabalhos da Escola. Ele faz uma reflexão sobre o dia da Consciência Negra. O companheiro Ataídes, presidente da zonal 114, e hoje almocei com a Eni Canarim, nossa companheira do movimento negro do PDT.

Quero aqui também deixar o nosso reconhecimento a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, têm colaborado também na política para encontrar soluções que permitam a igualdade de oportunidades entre as pessoas. Eu acho que o sistema de cotas hoje é uma realidade que se estabelece no país, diminuindo as diferenças, Jacobasco e, neste período de liderança, quero fazer esse registro, em especial por ocasião desta data, celebramos o Dia da Consciência Negra.

Eu também gostaria de aqui fazer uma manifestação com relação à estrutura do CETE, ali no Menino Deus, nosso centro esportivo. Nós teremos no domingo próximo a corrida do Instituto do Câncer Infantil, e, fazendo ali um treinamento, me preparando para correr a rústica de três quilômetros, hoje pela manhã, pude perceber que a grama do CETE está mais alta do que eu, Ver. Aldacir Oliboni. Eu fui passar de uma raia para outra, por dentro, e aquilo ali está uma barbaridade. Precisamos que o pessoal que faz ali a coordenação do CETE dê uma olhada. Ver. Mendes Ribeiro, a grama está passando da minha altura e eu não estou brincando, não é força de expressão. A pista já está toda comida, já está aparecendo o fundo, toda esburacada, enfim, mas pelo menos são necessárias condições mínimas para os atletas fazerem um treinamento digno. Venho aqui fazer este registro da tribuna porque a realidade do

CETE não condiz com o principal centro de treinamento do Estado do Rio Grande do Sul, na capital dos gaúchos; a grama daquela altura, aquilo ali é uma barbaridade. Estive ali hoje de manhã, várias pessoas treinando, enfim, de vez em quando eu encontro inclusive o pessoal daqui da Casa fazendo treinamentos no final de tarde ali. O CETE está atirado e cumpre a nós, aqui, fazermos este registro para que sejam tomadas as providências cabíveis.

Então, essas são as minhas considerações para a tarde de hoje, Ver.^a Mônica Leal. Agradeço pela atenção e presto a nossa homenagem ao povo negro, pelo Dia da Consciência Negra e faço este registro com relação ao abandono, o descaso com o CETE, ali no Menino Deus. Pela atenção, muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Solicito abertura do painel eletrônico para verificação de quórum, a fim de entrarmos na Ordem do Dia. (Pausa.) (Após o fechamento do painel eletrônico.) Dez vereadores presentes. Não há quórum. Estão encerrados os trabalhos da presente sessão.

(Encerra-se a sessão às 15h18min.)

* * * * *